Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO)
***Campus* Porto Velho Zona Norte**
Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia

LIZIANE CRISULA PEREIRA GOMES

A NATUREZA COMO ALIADA:
CONTRIBUIÇÕES DOS ESPAÇOS AO AR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Porto Velho
2026

LIZIANE CRISULA PEREIRA GOMES

A NATUREZA COMO ALIADA:
CONTRIBUIÇÕES DOS ESPAÇOS AO AR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus* Porto Velho Zona Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura, junto ao Curso de Pedagogia, sob a orientação da professora Rosa Martins Costa Pereira.

Porto Velho

2026

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Gomes, Liziane Crisula Pereira.
A natureza como aliada: contribuições dos espaços ao ar livre na educação infantil / Liziane Crisula Pereira Gomes. - Porto Velho, 2026.
34 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Rosa Martins Costa Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia EAD) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho, 2026.

1. Educação infantil. 2. Desenvolvimento infantil. 3. Déficit de natureza. I. Pereira, Rosa Martins Costa (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Marlene Fouz da Silva, CRB-11/946

LIZIANE CRISULA PEREIRA GOMES

A NATUREZA COMO ALIADA:
CONTRIBUIÇÕES DOS ESPAÇOS AO AR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus* Porto Velho Zona Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura, junto ao Curso Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Rosa Martins Costa Pereira.

Aprovado em: 17/12/2025 pela banca examinadora.

Documento assinado digitalmente
JOSELIA FONTENELE BATISTA
Data: 13/01/2026 17:23:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Joselia Fontenele Batista
Membro da Banca

Documento assinado digitalmente
IRANIRA GEMINIANO DE MELO
Data: 12/01/2026 22:30:37-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Iranira Geminiano de Melo
Membro da Banca

Documento assinado digitalmente
MARILANDIA MARTINS DE ALMEIDA MACHADO
Data: 13/01/2026 15:45:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Marilandia Martins de Almeida Machado
Membro da Banca

Documento assinado digitalmente
ROSA MARTINS COSTA PEREIRA
Data: 22/12/2025 18:08:04-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Rosa Martins Costa Pereira
Orientador

A NATUREZA COMO ALIADA: CONTRIBUIÇÕES DOS ESPAÇOS AO AR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO: A crescente desconexão das crianças com o ambiente natural tem despertado preocupações, pois reduz oportunidades de exploração, experimentação e bem-estar, elementos essenciais ao desenvolvimento infantil. Nesse contexto, ganha relevância compreender como a natureza contribui para as aprendizagens e para o desenvolvimento integral, especialmente na educação infantil; assim, este estudo teve como objetivo analisar a importância dos espaços ao ar livre na educação infantil para o desenvolvimento pleno das crianças. A investigação foi realizada por meio de pesquisa-ação, na qual foram aplicados questionários a pais e à professora de uma turma da educação infantil, além de realizada uma oficina formativa com docentes. Os procedimentos incluíram geração e análise qualiquantitativa dos dados, considerando percepções familiares, práticas pedagógicas e desafios institucionais relacionados ao uso da natureza como recurso educativo. Os resultados mostraram que a maioria das famílias percebeu efeitos positivos após o contato das crianças com ambientes naturais, como calma, criatividade, interação social e maior disposição, e que a professora relatou engajamento e curiosidade durante atividades externas, embora enfrentasse limitações estruturais na escola. Também foi evidenciado que parte das famílias encontra dificuldades para oferecer vivências ao ar livre, sobretudo por falta de tempo e de espaços adequados. A análise indica que integrar a natureza ao cotidiano escolar fortalece o desenvolvimento emocional, motor, cognitivo e social das crianças, revelando a necessidade de ampliar práticas pedagógicas ao ar livre e de investir em formação docente para potencializar esses espaços.

PALAVRAS-CHAVE: educação infantil; desenvolvimento infantil; déficit de natureza.

ABSTRACT: The growing disconnection of children from the natural environment has raised concerns, as it reduces opportunities for exploration, experimentation, and well-being, all essential elements for child development. In this context, understanding how nature contributes to learning and to integral development becomes increasingly relevant, especially in early childhood education; thus, this study aimed to analyze the importance of outdoor spaces in early childhood education for the full development of children. The investigation was conducted through action research, in which questionnaires were applied to parents and to the teacher of an early childhood education class, and a training workshop was also held with teachers. The procedures included qualitative and quantitative data collection and analysis, considering family perceptions, pedagogical practices, and institutional challenges related to the use of nature as an educational resource. The results showed that most families perceived positive effects after children's contact with natural environments, such as calmness, creativity, social interaction, and greater disposition, and that the teacher reported engagement and curiosity during outdoor activities, although facing structural limitations at the school. It was also evident that some families experience difficulties in providing outdoor experiences, mainly due to lack of time and adequate spaces. The analysis indicates that integrating nature into the school routine strengthens children's emotional, motor, cognitive, and social development, revealing the need to expand outdoor pedagogical practices and invest in teacher training to enhance these environments.

KEYWORDS: early childhood education; child development; nature deficit.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se observado um afastamento progressivo das crianças em relação ao ambiente natural. Atualmente, é comum que elas permaneçam por longos períodos em espaços internos, o que limita as oportunidades de contato direto com a natureza (Portela; Lauer-Leite; Novais, 2024). Grande parte do tempo infantil passou a ser ocupada por atividades em ambientes fechados, muitas vezes vinculadas ao uso de dispositivos digitais. Esse distanciamento tem gerado preocupações entre educadores e pesquisadores, por estar associado ao que Louv (2016) denominou “Transtorno de Déficit de Natureza”, que não é um diagnóstico médico reconhecido pela Classificação Internacional de Doenças (CID) ou pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM), mas uma expressão utilizada para descrever os efeitos negativos da desconexão das pessoas, especialmente das crianças, com o meio natural. Essa condição pode comprometer o desenvolvimento emocional, cognitivo e motor, uma vez que se manifesta quando os pequenos não têm oportunidades suficientes para brincar ao ar livre, explorar ambientes naturais e aprender com o mundo ao seu redor.

Na educação infantil, etapa essencial para o crescimento integral, o contato com a natureza assume papel central no processo de desenvolvimento das crianças. A interação com ambientes naturais favorece a construção de vínculos afetivos saudáveis, o desenvolvimento das habilidades motoras e cognitivas, além de estimular a capacidade de observação, experimentação e descoberta. Conforme destacam Portela, Lauer-Leite e Novais (2024), a conexão das crianças com a natureza é indispensável para seu desenvolvimento integral, promovendo o sentimento de pertencimento, o bem-estar emocional e a adoção de comportamentos voltados à preservação ambiental. Apesar dos benefícios comprovados, ainda são pouco frequentes as práticas pedagógicas realizadas ao ar livre, o que contribui para a subutilização desses ambientes devido à falta de planejamento adequado e de infraestrutura apropriada, que dificultam o aproveitamento pleno desses espaços (Raymundo; Kuhnen; Soares, 2011).

Esse cenário despertou o interesse em aprofundar a compreensão sobre como ambientes naturais podem contribuir para o processo educativo e para o bem-estar infantil. Assim, este estudo teve como objetivo analisar a importância dos espaços ao ar livre na educação infantil para o desenvolvimento pleno das crianças. A

problemática da pesquisa foi definida a partir da necessidade de compreender de que maneira os espaços ao ar livre eram utilizados no cotidiano escolar e quais impactos a pouca ou nenhuma utilização desses ambientes poderia gerar no desenvolvimento das crianças. Para responder a esse problema, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: mapear a existência e o uso dos espaços ao ar livre na escola investigada, analisando a frequência e o tipo de atividades realizadas; analisar as percepções dos pais e da professora sobre os benefícios do contato com a natureza; identificar o tempo diário que as crianças passavam em ambientes ao ar livre e os fatores que facilitavam ou dificultavam essas experiências; e realizar uma oficina pedagógica com os professores da escola participante, com a finalidade de discutir e construir estratégias pedagógicas que incentivem a integração de atividades ao ar livre no planejamento escolar. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de educação infantil de Jaru, onde foram aplicados questionários aos pais e à professora responsável pela turma, a fim de identificar o tempo diário passado pelas crianças nesses ambientes. Ao final do estudo, foi realizada uma oficina intitulada “Estratégias pedagógicas em espaços ao ar livre na educação infantil”, com o propósito de auxiliar os professores da escola participante a desenvolver práticas que fossem integradas ao planejamento pedagógico.

Os resultados mostraram que a maioria das famílias percebeu efeitos positivos após o contato das crianças com ambientes naturais, como calma, criatividade, interação social e maior disposição, e que a professora relatou engajamento e curiosidade durante atividades externas, embora enfrentasse limitações estruturais na escola.

Até onde se investigou na literatura consultada, este estudo apresenta caráter inédito ao analisar a importância dos espaços ao ar livre na educação infantil a partir do contexto amazônico rondoniense, realidade ainda pouco explorada em pesquisas acadêmicas sobre o tema. Ao considerar as especificidades socioculturais, ambientais e educacionais da região, a pesquisa contribui para o preenchimento de uma lacuna nos estudos sobre infância e natureza, oferecendo subsídios empíricos situados que dialogam tanto com o cenário local quanto com as discussões nacionais acerca do desenvolvimento infantil e das práticas pedagógicas na educação infantil.

Este artigo está organizado em seções que permitem uma compreensão gradual do estudo. Após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica, na qual são discutidos os principais conceitos relacionados ao contato com a natureza

na educação infantil e ao uso de espaços ao ar livre no processo de aprendizagem. Em seguida, descreve-se a metodologia adotada para a realização da pesquisa, detalhando os procedimentos utilizados para a geração e análise dos dados. Em seguida, são apresentados e discutidos os resultados obtidos, contextualizando-os à luz da literatura. Por fim, nas considerações finais, são sintetizadas as contribuições do estudo e suas implicações para a prática pedagógica, além de serem indicadas possibilidades para estudos futuros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo está alinhado às diretrizes contemporâneas que destacam a importância do contato com espaços ao ar livre para o desenvolvimento das crianças na educação infantil. Tiriba e Profice (2019) ressaltam que a Constituição Brasileira reconhece as crianças como sujeitos de direitos, o que exige que as escolas considerem os desejos infantis e ofereçam oportunidades para interação com o ambiente natural. No entanto, os autores também destacam que as instituições de ensino, que recebem obrigatoriamente crianças a partir dos quatro anos, muitas vezes carecem de espaços e tempos destinados a atividades ao ar livre.

Esses aspectos indicam a presença de barreiras institucionais que dificultam a criação e a utilização de espaços naturais nas escolas de educação infantil, apesar do reconhecimento legal da importância dessa conexão. Essa situação reflete uma perspectiva antropocêntrica ocidental que afasta as crianças da natureza, limitando seu contato com o mundo natural (Tiriba; Profice, 2019).

Diante desses aspectos, percebe-se que ampliar as oportunidades de contato das crianças com ambientes ao ar livre é um caminho importante para enriquecer as experiências vividas na educação infantil. Ao considerar a natureza como parte do cotidiano escolar, torna possível promover vivências mais significativas e sensíveis, o que contribui para um desenvolvimento mais equilibrado e completo. Essa compreensão abre espaço para refletir, no tópico a seguir, sobre como as atividades ao ar livre podem favorecer diferentes dimensões do desenvolvimento infantil.

2.1 Atividades ao ar livre e o desenvolvimento infantil

Martins e Neves (2020) apontam que as brincadeiras ao ar livre contribuem significativamente para o desenvolvimento das capacidades infantis. Quando os educadores incentivam experiências em contato com a natureza, as crianças tendem a valorizar esses momentos, associando-os a sensações de satisfação, liberdade e partilha. As atividades ao ar livre incluíam brincadeiras de faz de conta, exploração de materiais naturais e atividades físicas, como balançar, escorregar e saltar. Esse contato com o ambiente externo é visto como essencial para o desenvolvimento motor, social e emocional das crianças, além de estimular sua criatividade e imaginação. Martins e Neves (2020) também alertam que a ausência dessas experiências pode prejudicar o desenvolvimento infantil, reforçando a importância de criar ambientes que incentivem a exploração e o aprendizado em conexão com a natureza.

As atividades ao ar livre oferecem inúmeros benefícios, impactando diversos aspectos do desenvolvimento infantil. Oliveira e Velasques (2020) acrescentam que o contato com a natureza melhora o funcionamento cognitivo, promovendo atenção, memória, aprendizado e criatividade. Além disso, brincar em ambientes naturais fortalece o sistema imunológico, contribuindo para uma saúde mais robusta. Um aspecto igualmente importante é a regulação emocional, favorecida pela interação com a natureza, que podie ser útil na prevenção e no tratamento de transtornos emocionais e comportamentais.

No campo motor, atividades físicas realizadas ao ar livre ajudam a melhorar a coordenação e o controle dos movimentos. A natureza oferece uma rica experiência sensorial, estimulando a plasticidade cerebral, especialmente nos primeiros anos de vida, quando o cérebro é mais receptivo a novas conexões. Além disso, o contato com ambientes naturais libera neurotransmissores que proporcionam relaxamento, bem-estar e motivação, melhorando o humor e o estado emocional das crianças (Oliveira; Velasques, 2020).

Para transformar a realidade cotidiana das crianças e promover um equilíbrio entre o aprendizado e a conexão com o mundo natural, Tiriba (2005) propõe abordagens fundamentais. A primeira é a integração direta com a natureza, criando oportunidades para que as crianças interajam com elementos naturais, como sol, água e terra, incorporando esses aspectos ao cotidiano escolar. Outra abordagem sugerida pelo autor envolve uma mudança na perspectiva pedagógica, superando a visão antropocêntrica que considera a natureza apenas como um recurso para os humanos.

Tiriba (2005) argumenta que a natureza deve ser vista como uma fonte de vida e aprendizado, merecendo respeito e reverência. Além disso, o autor propõe a utilização de espaços de aprendizagem ao ar livre, permitindo que as crianças explorem e aprendam em ambientes externos, em vez de ficarem restritas a salas de aula fechadas. Ele enfatiza que é essencial que as crianças desenvolvam uma relação cotidiana e afetiva com a natureza, criando uma base sólida para a preservação ambiental no futuro.

Estudos apontam que a interação com a natureza pode melhorar a saúde mental das crianças, aumentar sua criatividade e capacidade de concentração. Ambientes naturais favorecem o desenvolvimento de habilidades motoras e sociais, ao oferecer oportunidades para atividades físicas e brincadeiras livres, essenciais para o desenvolvimento integral na infância (Martins; Neves, 2020). Dessa forma, a presença de espaços ao ar livre nas escolas pode ser um fator crucial para promover uma educação mais inclusiva e enriquecedora.

De acordo com Oliveira e Velasques (2020), várias estratégias foram sugeridas para fortalecer a conexão das crianças com a natureza. Entre elas, destaca-se o incentivo ao brincar livre em ambientes naturais, como florestas, parques e jardins, o que fortalece o sistema imunológico e enriquece o desenvolvimento sensorial. Outra estratégia importante é "desemparedar" as crianças, permitindo que elas saiam de ambientes fechados e digitais, favorecendo vivências ao ar livre que eram essenciais para o desenvolvimento emocional, cognitivo e motor.

Além disso, a exploração sensorial, que envolve observar cores, ouvir sons da natureza e sentir texturas e cheiros, desperta a imaginação e estimula conexões cerebrais importantes para o aprendizado. Oliveira e Velasques (2020) também enfatizam a importância de conscientizar as crianças sobre o meio ambiente, ajudando-as a desenvolver uma relação de pertencimento com o mundo natural. Essas estratégias visavam não apenas prevenir o Transtorno de Déficit de Natureza, mas também promover um desenvolvimento infantil saudável e integral.

A falta de contato com ambientes naturais havia sido associada a problemas como estresse e dificuldades de socialização em crianças brasileiras. A integração de espaços ao ar livre nas práticas pedagógicas pode ajudar a mitigar esses riscos, promovendo um desenvolvimento emocional e social mais equilibrado. Estudos indicam que a implementação dessas práticas nas escolas brasileiras poderia levar a melhorias significativas no bem-estar e no desempenho das crianças.

A presença de ambientes naturais no currículo escolar não só enriqueceria a experiência educativa, mas também contribuiria para o desenvolvimento das competências sociais e cognitivas das crianças. A fundamentação teórica deste estudo, baseada em evidências de estudos brasileiros, reafirma a importância de integrar espaços ao ar livre na educação infantil. Essa abordagem pedagógica sustenta a necessidade de promover o contato das crianças com a natureza, alinhando-se com diretrizes que visavam o desenvolvimento integral infantil e a prevenção de condições como o Transtorno de Déficit de Natureza.

2.2 Práticas pedagógicas e formação continuada de professores

As práticas pedagógicas na educação infantil desempenhavam um papel essencial no desenvolvimento das crianças, especialmente quando associadas ao contato com a natureza. Estudos, como os desenvolvidos por Louv *et al*. (2008), indicam que a interação com ambientes naturais favorece o desenvolvimento emocional, cognitivo e motor dos alunos, além de contribuir para a prevenção do Transtorno de Déficit de Natureza. No entanto, muitas escolas ainda carecem de estratégias pedagógicas que incentivem o uso de espaços ao ar livre, limitando as oportunidades das crianças de explorarem e aprenderem com o ambiente natural. A pesquisa sobre esse tema destaca a necessidade de incorporar atividades externas nas práticas educativas, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica e conectada à realidade infantil. Além disso, pesquisas científicas demonstraram que a falta de contato com a natureza poderia impactar negativamente o desenvolvimento infantil, agravando problemas como estresse, ansiedade e dificuldades de aprendizado, enquanto a reconexão com o meio natural podia atuar como um poderoso antídoto para essas dificuldades (Oliveira; Velasques, 2020).

A formação continuada dos professores é um fator crucial para que essa integração ocorra de maneira eficaz. Capacitações e oficinas pedagógicas podiam fornecer aos docentes ferramentas e estratégias para incluir atividades ao ar livre no planejamento escolar, tornando a natureza um recurso didático valioso. Além disso, ao se aprofundarem nesse tema, os professores podem compreender melhor os benefícios desse contato para o bem-estar e o aprendizado infantil. Dessa forma, investir na formação contínua dos educadores não apenas fortalece a qualidade do ensino, mas também promove um ambiente escolar mais enriquecedor e saudável

para as crianças. Nesse sentido, a formação continuada deve considerar não apenas a atualização pedagógica, mas também os desafios e demandas do contexto educacional contemporâneo, promovendo reflexões críticas sobre a prática docente e incentivando a autonomia profissional (Cruz; Menezes; Coelho, 2021).

Ao abordar a formação docente, é essencial considerar o conceito de docência-discência proposto por Paulo Freire (2007). Para o autor, ensinar e aprender são processos indissociáveis nos quais o educador também se torna aprendiz à medida que interage com seus alunos. Freire defendia que o conhecimento não devia ser transmitido de forma bancária, mas sim construído coletivamente em um ambiente dialógico, no qual tanto professores quanto estudantes participavam ativamente do processo educativo. Segundo Freire (2007), essa perspectiva reforça a importância da escuta sensível e do respeito aos saberes dos alunos, valorizando suas experiências e promovendo uma aprendizagem significativa e emancipadora.

Nesse contexto, a docência pode ser profundamente influenciada pelas vivências pessoais e pelas lembranças da infância dos professores. Pereira (2008) enfatiza que a história de vida dos docentes tem um papel importante na forma como eles escolhem ensinar. Segundo a autora, quando o professor se lembra de suas próprias experiências em contato com a natureza, ele pode se sentir motivado a propor atividades que levem os alunos para além da sala de aula, buscando um ensino mais próximo da realidade e do espaço vivido. Ainda de acordo com Pereira (2008), essas lembranças e experiências ajudam a construir práticas pedagógicas mais abertas, que valorizam o contato direto com o ambiente e tornam o aprendizado mais significativo. Para ela, quando o professor reconhece suas memórias como parte da sua formação, é possível desenvolver um jeito de ensinar mais sensível, dinâmico e conectado com o mundo ao redor.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi conduzida como uma pesquisa-ação, com abordagem qualiquantitativa, descritiva e exploratória, dividida em quatro etapas principais. A pesquisa-ação, conforme apontado por Damiani *et al*. (2013), é caracterizada pelo seu caráter aplicado, tendo sido utilizada com a finalidade de não apenas descrever ou explicar fenômenos, mas também promover mudanças práticas no contexto investigado. Desenvolvida por Kurt Lewin, essa abordagem tem sido

amplamente utilizada nas ciências sociais e na educação, buscando reduzir a lacuna entre teoria e prática, aplicando teorias diretamente no contexto educacional (Engel, 2000).

De acordo com Engel (2000), o processo de pesquisa-ação segue fases interligadas: definição do problema, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, e comunicação dos resultados. Essas fases, por serem cíclicas, permitem que os resultados de cada etapa informem e aprimorem as seguintes. Esses fundamentos foram aplicados no presente estudo, que buscou tanto resolver desafios práticos quanto contribuir para o avanço do conhecimento educacional.

Considerando os objetivos e a metodologia adotada, no projeto de pesquisa intitulado “A Natureza como Aliada: Estratégias Pedagógicas para Prevenir o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) na Educação Infantil”, foram definidos critérios de inclusão e exclusão para a participação no estudo. Foram incluídos professores e familiares de crianças matriculadas no Pré-escolar II em uma escola municipal de educação infantil localizada em Jaru/RO, desde que a instituição possuísse algum espaço ao ar livre acessível às crianças. Participaram os professores que atuavam com turmas da educação infantil, especificamente com crianças de 4 a 6 anos, e que estavam em atividade no período da coleta. Também foram incluídos pais ou responsáveis que autorizaram a participação mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A escola participante manifestou anuência formal mediante assinatura da Carta de Anuência Institucional.

Foram excluídos do estudo os professores afastados ou em licença no período da investigação, assim como aqueles que não concordaram em participar ou não assinaram o TCLE. Da mesma forma, foram excluídos os responsáveis que recusaram a participação ou não autorizaram a inclusão das crianças. Também não foram considerados dados provenientes de questionários entregues fora do prazo ou com respostas inconsistentes. A ausência de espaços ao ar livre na escola ou a falta de autorização formal inviabilizaria a realização da pesquisa. Esses critérios foram definidos para garantir a validade ética e metodológica do estudo.

A primeira etapa consistiu na realização de uma revisão sistemática da literatura, por meio da qual foram identificados e analisados trabalhos científicos que abordavam a integração de espaços ao ar livre nas práticas pedagógicas. Essa revisão possibilitou a compreensão das diferentes formas de incorporação desses

ambientes no contexto escolar, fornecendo subsídios teóricos para as etapas posteriores.

Na segunda etapa, os dados foram gerados por meio de questionários e entrevista na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Beatriz Mireya, localizada no município de Jaru, Rondônia, envolvendo uma turma composta por 24 alunos e a professora responsável. O número reduzido de participantes justificou-se pelo objetivo de compreender, de forma aprofundada, como o contato com a natureza era trabalhado no contexto escolar e familiar. Essa abordagem permitiu uma análise detalhada da realidade investigada, conforme a proposta qualitativa e exploratória da pesquisa.

Para garantir o sigilo e o anonimato dos participantes, foram adotadas medidas éticas rigorosas que impediram qualquer possibilidade de identificação dos envolvidos. As informações foram tratadas de forma confidencial e agrupadas, sem vinculação a dados pessoais. No caso da professora, por se tratar de uma única participante, foram utilizados pseudônimos e as falas foram parafraseadas para evitar identificação indireta. Todos os registros foram armazenados em arquivos digitais protegidos por senha, acessíveis apenas à pesquisadora. Também foi assegurado aos participantes o direito de recusa e desistência em qualquer momento, sem prejuízo.

Antes da geração dos dados, foi realizado um convite presencial à professora responsável, no qual foram explicados os objetivos da pesquisa, apresentados os detalhes do estudo, do TCLE e entrega do questionário para a professora. Os convites aos pais ou responsáveis foram entregues pela professora, quando buscavam seus filhos na escola. No convite constava uma apresentação do estudo com os objetivos, a metodologia e a importância do estudo, além do TCLE e o questionário anexados ao convite. Os familiares e a professora tiveram duas semanas para ler, aceitar (assinar o TCLE) e responder o questionário.

A geração de dados foi realizada por meio de questionários (Apêndice A e B), que geraram dados quantitativos e qualitativos. Foram obtidas informações sobre o tempo que as crianças passavam em espaços ao ar livre, bem como as percepções dos educadores e familiares sobre os benefícios dessas atividades e os desafios enfrentados para sua implementação. Os questionários foram enviados em envelopes lacrados nas mochilas e devolvidos pela agenda escolar, pela professora ou em reunião programada. A entrevista com a professora foi realizada presencialmente, em local reservado, mediante agendamento prévio.

A terceira etapa consistiu na análise detalhada dos dados gerados. Foram examinados os registros obtidos ao longo da pesquisa-ação, com o objetivo de avaliar os efeitos das práticas relacionadas ao contato com a natureza. Os dados quantitativos foram organizados e analisados por meio de estatística descritiva, permitindo a identificação de padrões e tendências. Já os dados qualitativos foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (1977), possibilitando a categorização das informações em unidades de significado.

Na quarta etapa, foi elaborada e implementada uma oficina para os professores da escola participante. A oficina foi estruturada com base nos resultados da análise de dados e buscou fornecer ferramentas e estratégias que favorecessem a ampliação do uso de ambientes ao ar livre nas práticas pedagógicas. Dessa forma, as atividades propostas foram adaptadas às necessidades identificadas na instituição, possibilitando aos educadores aplicar estratégias eficazes que promovessem maior contato das crianças com a natureza.

Com todas essas etapas realizadas, a pesquisa reuniu informações importantes sobre o uso de espaços ao ar livre na educação infantil e sobre a percepção da escola e das famílias em relação a essas práticas. Essas informações permitiram compreender melhor a realidade investigada e serviram de base para a análise apresentada a seguir.

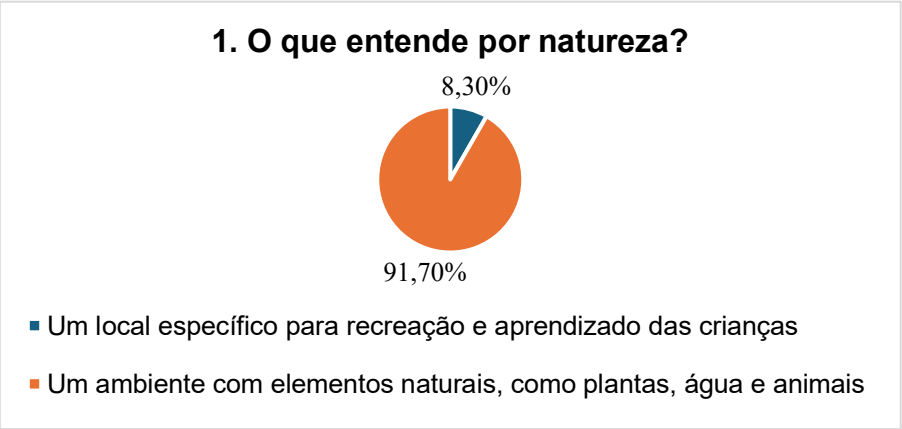
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A geração de dados desta pesquisa contou com a participação de famílias e da professora da turma. Dos 24 alunos matriculados, foram devolvidos 12 questionários pelos pais ou responsáveis, além do questionário respondido pela professora. Esse conjunto de respostas permite compreender como a natureza é percebida e utilizada no contexto escolar e familiar, oferecendo elementos importantes para analisar as práticas atuais e identificar caminhos para ampliar o uso dos espaços ao ar livre na educação infantil. A seguir, serão explanados os resultados obtidos nos questionários dos pais.

4.1 Resultados e discussão – Questionário com os pais

A maioria dos participantes da pesquisa (91,7%) compreende a natureza como um ambiente formado por elementos naturais, como plantas, água e animais, enquanto apenas um participante (8,3%) a definiu como um local específico para recreação e aprendizado das crianças, conforme o Gráfico 1. Esse resultado indica que o entendimento predominante ainda se concentra em uma visão mais físico-natural da natureza, centrada em seus componentes biológicos e paisagísticos, ao passo que uma minoria a reconhece como espaço pedagógico e de experiências formativas, o que revela um potencial pouco explorado de articulação entre ambiente natural e práticas educativas na infância.

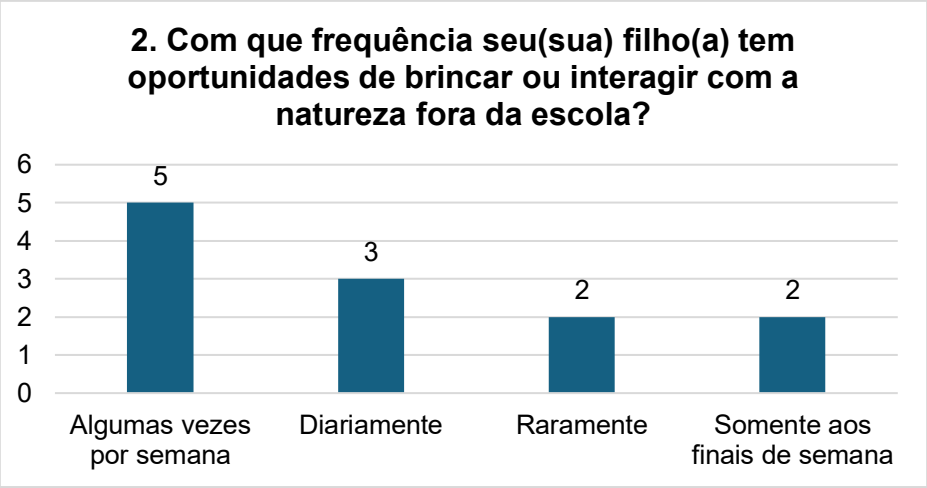
Gráfico 1 - O que os participantes entendem por natureza



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Na pergunta 2 do questionário, investigou-se com que frequência as crianças têm oportunidade de brincar ou interagir com a natureza fora da escola. As respostas, apresentadas no Gráfico 2, demonstram que a maioria dos responsáveis relata um contato regular com ambientes naturais, somando cinco respostas em “Algumas vezes por semana” e três em “Diariamente”. Por outro lado, quatro respostas distribuídas entre “Raramente” (2) e “Somente aos finais de semana” (2) indicam que ainda há um grupo de crianças com acesso limitado a essas experiências. Essa diferença de oportunidades merece atenção, pois estudos como os de Barros (2018) e Oliveira e Velasques (2020) apontam que a redução do tempo em ambientes naturais pode trazer impactos negativos ao desenvolvimento emocional, cognitivo e motor das crianças.

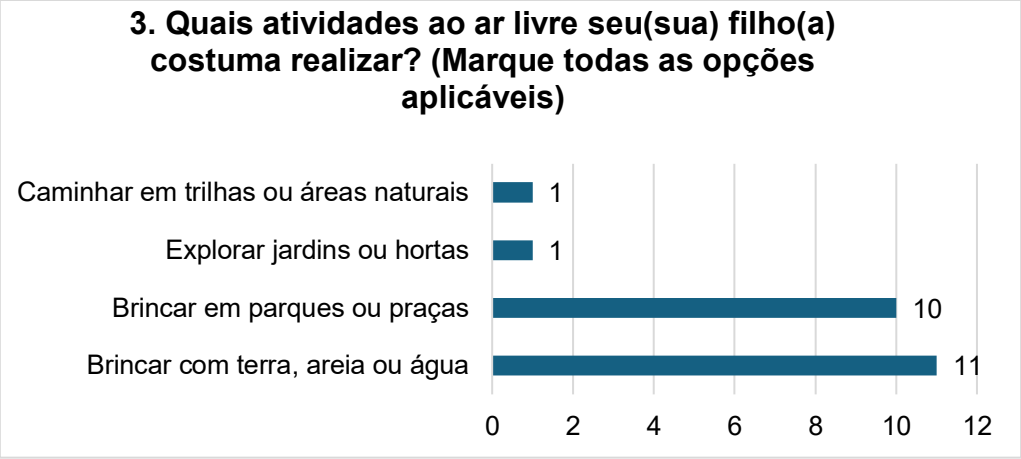
Gráfico 2 - Frequência de oportunidades de brincar ou interagir com a natureza fora da escola



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Na pergunta 3, foram identificadas quais atividades ao ar livre eram realizadas pelas crianças, conforme apresentado no Gráfico 3 a seguir. Observou-se que “brincar com terra, areia ou água” foi a prática mais marcada, aparecendo em 11 questionários, seguida de “brincar em parques ou praças”, assinalada por 10 responsáveis. Já “explorar jardins ou hortas” e “caminhar em trilhas ou áreas naturais” foram registradas apenas uma vez cada, mostrando que atividades de exploração mais ampla do ambiente natural foram pouco vivenciadas Os dados revelam que, embora o contato sensorial com elementos naturais estivesse presente na rotina da maioria das crianças, experiências mais ricas de exploração e movimento no ambiente natural foram menos oferecidas. Esse cenário reforça o que Barros (2018) destacou sobre a necessidade de ampliar as vivências ao ar livre e confirma as análises de Martins e Neves (2020), que mostraram que o brincar externo favorece a criatividade e a autonomia. Além disso, os dados dialogam com Oliveira e Velasques (2020), que alertaram que a pouca variedade de experiências na natureza pode limitar benefícios emocionais, cognitivos e motores, evidenciando que ainda existem oportunidades de ampliação dessas vivências no cotidiano infantil.

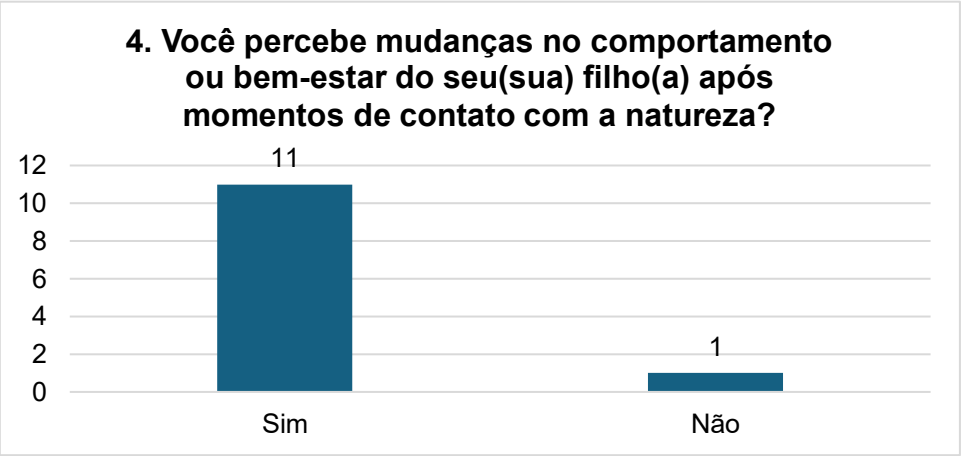
Gráfico 3 - Tipos e frequência de atividades ao ar livre que as crianças costumam realizar



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Na pergunta 4, que investigou se os responsáveis percebiam mudanças no comportamento ou bem-estar após momentos de contato com a natureza, e cujos dados serão apresentados no Gráfico 4, observou-se que 11 participantes responderam “Sim”, enquanto apenas 1 marcou “Não”. Esses resultados revelam que, para a maioria das famílias, o contato com ambientes naturais foi percebido como benéfico para o equilíbrio emocional e o comportamento das crianças. Essa percepção está alinhada ao que Tiriba (2005) destacou, ao afirmar que os espaços externos favorecem alegria, autonomia e vínculos afetivos mais fortes. De forma semelhante, Vellozo, Alves e Sommerhalder (2022) apontaram que experiências sensoriais ao ar livre despertam bem-estar e motivação, contribuindo para um desenvolvimento emocional mais saudável. Assim, as respostas dos responsáveis confirmaram o que os estudos têm indicado sobre os efeitos positivos da natureza na infância.

Gráfico 4 - Percepção dos responsáveis sobre mudanças no bem-estar após contato com a natureza

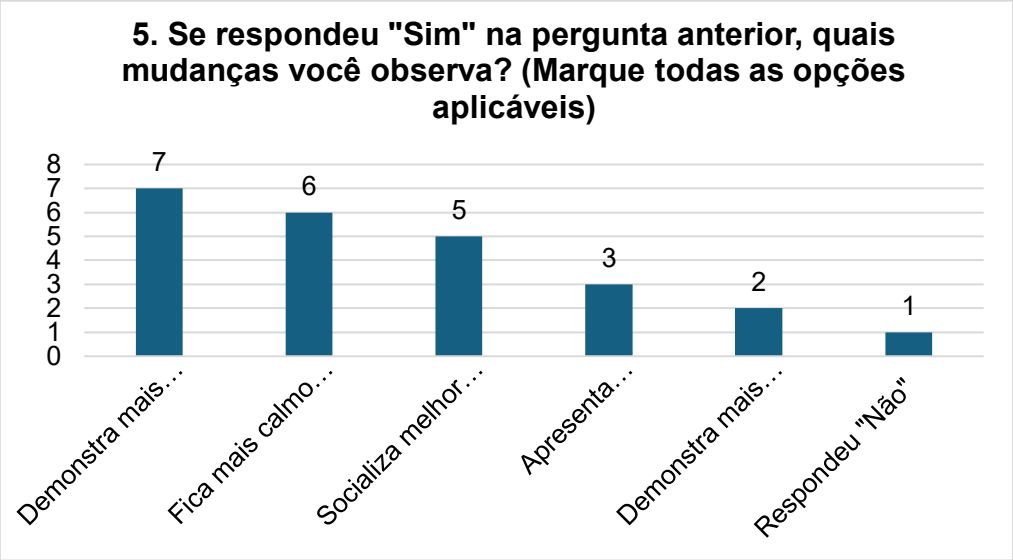


Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Na pergunta 5, que investigou quais mudanças foram percebidas pelas famílias após o contato das crianças com a natureza e cujos dados serão apresentados no Gráfico 5 a seguir, observou-se que os responsáveis marcaram diferentes combinações de benefícios, indicando que os efeitos não ocorreram isoladamente. As respostas mostram que “demonstrar mais criatividade nas brincadeiras” foi a mudança mais frequente, aparecendo em várias combinações, seguida de “ficar mais calmo e relaxado” e “socializar melhor com outras crianças”. Também foram registradas melhorias na concentração, no aprendizado e na disposição física, embora em menor número. Notou-se ainda que o responsável que havia marcado “Não” na pergunta 4 deixou esta questão em branco, o que era esperado, já que não percebeu mudanças no comportamento da criança.

As respostas evidenciam que o contato com o ambiente natural foi percebido como uma experiência capaz de favorecer aspectos emocionais, sociais e cognitivos ao mesmo tempo. Essa percepção está alinhada ao que Raymundo, Kuhnen e Soares (2010) afirmaram ao destacar que ambientes externos ampliam as interações sociais e estimulam comportamentos mais equilibrados. Da mesma forma, Louv (2008) apontou que o contato com a natureza contribui para reduzir o estresse, fortalecer vínculos sociais e estimular a criatividade. Assim, os dados reforçaram que os momentos ao ar livre foram vistos pelas famílias como oportunidades que promovem múltiplos benefícios no desenvolvimento infantil.

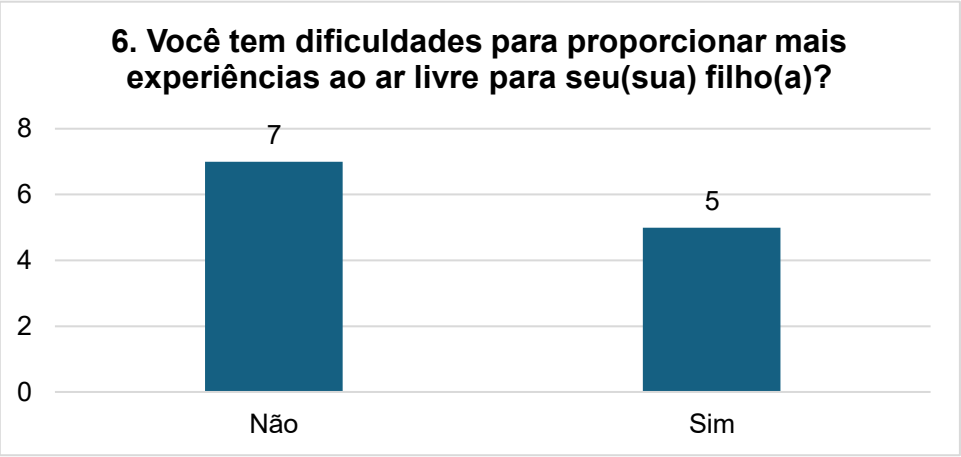
Gráfico 5 - Mudanças percebidas no comportamento das crianças após contato com a natureza



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Na pergunta 6, que investigou se os responsáveis tinham dificuldades para proporcionar mais experiências ao ar livre às crianças (Gráfico 6), foi observado que 8 participantes responderam “Não”, enquanto 4 marcaram “Sim”. Os resultados obtidos mostram que uma parte significativa das famílias não enfrentou obstáculos para oferecer vivências externas, mas quase metade relatou algum tipo de dificuldade. Esse cenário sugeriu que, embora muitas famílias reconhecessem a importância do contato com a natureza, nem sempre conseguiram garantir essas oportunidades de forma frequente. Essa realidade foi mencionada por Tiriba e Profice (2019), que destacaram que fatores como rotina, espaço urbano e falta de ambientes adequados podem limitar essas experiências. Além disso, Vellozo, Alves e Sommerhalder (2022) apontaram que a ausência de espaços propícios pode dificultar a aproximação das crianças com o meio natural, mesmo quando há interesse das famílias. Dessa forma, os dados indicaram que ainda existem barreiras que precisam ser consideradas para ampliar o acesso das crianças às vivências ao ar livre.

Gráfico 6 - Dificuldades dos responsáveis em oferecer experiências ao ar livre

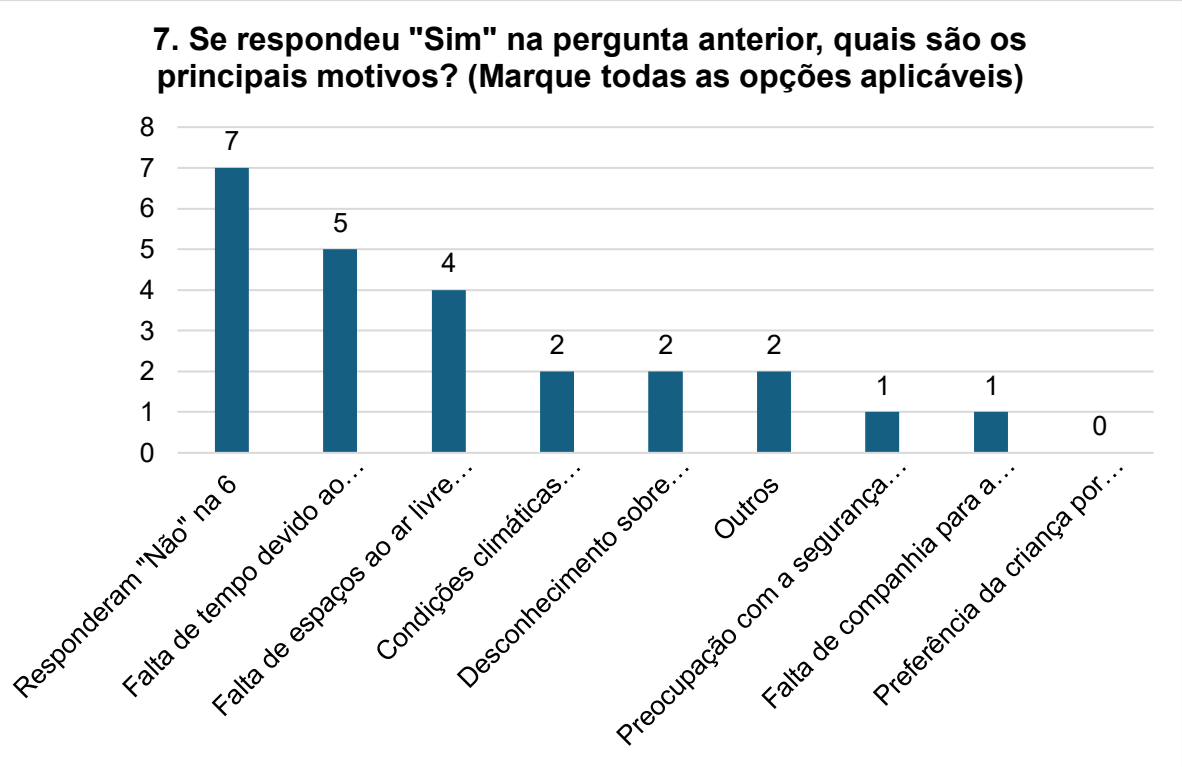


Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Na pergunta 7, que investigou quais motivos dificultaram a oferta de mais experiências ao ar livre às crianças, e cujos dados são apresentados no Gráfico 7 a seguir, foi observado que a “falta de tempo devido ao trabalho e outras responsabilidades” foi o motivo mais assinalado, aparecendo 5 vezes. Em seguida, foram registradas 4 marcações relacionadas à “falta de espaços ao ar livre adequados próximos à residência” e outras 7 marcações correspondentes aos responsáveis que haviam respondido “Não” na pergunta anterior. Também foram citadas condições climáticas desfavoráveis, desconhecimento sobre atividades externas e outros impedimentos, cada um mencionado 2 vezes. A preocupação com a segurança nos espaços públicos e a falta de companhia para brincar apareceram uma vez cada, enquanto “preferência da criança por atividades dentro de casa” não foi apontada.

Esses resultados apontam que as dificuldades enfrentadas pelas famílias envolveram principalmente fatores estruturais e de rotina, o que limitou o acesso regular das crianças ao ambiente natural. Esse cenário foi coerente com o que Tiriba e Profice (2019) discutiram ao afirmarem que a vida urbana e a organização dos espaços reduzem as oportunidades de contato direto com a natureza. Da mesma forma, Vellozo, Alves e Sommerhalder (2022) ressaltaram que a ausência de áreas adequadas e de condições favoráveis impede que as crianças vivenciem experiências externas essenciais para o seu desenvolvimento. Assim, os dados revelaram que, mesmo reconhecendo os benefícios da natureza, muitas famílias encontraram barreiras que dificultaram a ampliação dessas vivências no cotidiano.

Gráfico 7 - Desafios para proporcionar atividades ao ar livre apontados pelos responsáveis



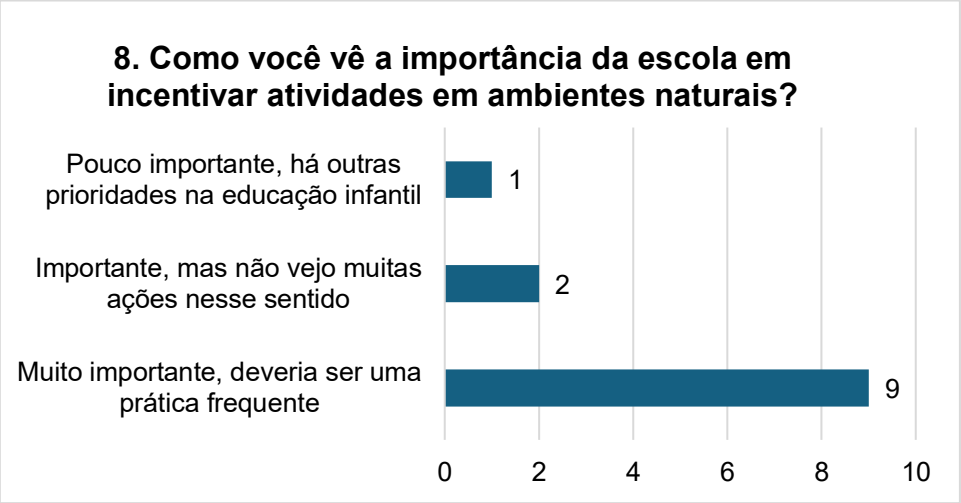
Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Na pergunta 8, que investigou como os responsáveis percebiam a importância da escola em incentivar atividades em ambientes naturais (Gráfico 8), foi identificado que a maioria dos participantes (9) considerou essa prática “muito importante”, indicando forte reconhecimento do valor pedagógico das vivências ao ar livre. Também foi registrado que 2 responsáveis marcaram “importante, mas não vejo muitas ações nesse sentido”, sugerindo que, apesar da valorização, as iniciativas escolares foram percebidas como insuficientes. Apenas 1 participante indicou que essa prática era “pouco importante”, apontando outra visão sobre as prioridades da educação infantil.

As informações obtidas demonstram que, de modo geral, os participantes atribuíram grande relevância às experiências na natureza, percepção que está alinhada ao que Vellozo, Alves e Sommerhalder (2022) destacaram ao afirmarem que ambientes naturais ampliam aprendizagens, despertam curiosidade e fortalecem o desenvolvimento integral. Da mesma forma, Portela, Lauer-Leite e Novais (2024) ressaltaram que a conexão com a natureza favorece atitudes positivas, senso de pertencimento e comportamentos mais conscientes, aspectos que podem ser estimulados pelas práticas escolares. Assim, os dados evidenciaram que as famílias

reconheceram a escola como um espaço essencial para promover vivências naturais e ampliar oportunidades que muitas vezes não estão presentes no cotidiano doméstico.

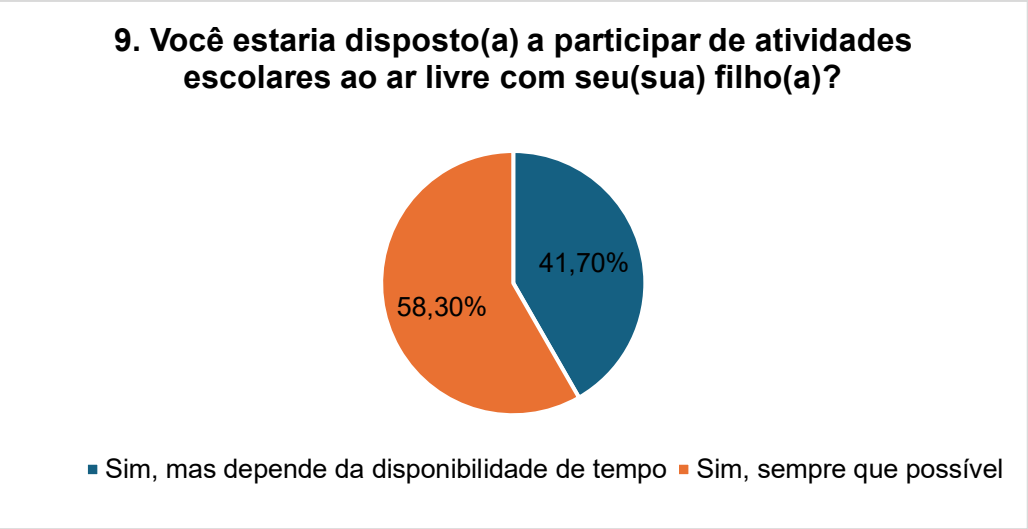
Gráfico 8 - Perspectivas dos responsáveis sobre a importância da escola em incentivar atividades em ambientes naturais



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Na pergunta 9, os dados revelam que a maioria dos responsáveis declarou disposição para participar de atividades escolares ao ar livre com seus filhos, como apresentado no (Gráfico 9). Foi registrado que 58,30% responderam “Sim, sempre que possível”, enquanto 41,70% marcaram “Sim, mas depende da disponibilidade de tempo”. Esses resultados indicaram que a participação familiar foi vista como algo positivo, mas ainda condicionada à rotina e aos compromissos diários. Esse entendimento foi apoiado por Carvalho e Steil (2020), que destacaram que a presença da família em experiências na natureza fortalece vínculos e amplia o engajamento das crianças nessas práticas. Da mesma forma, Guerra e Dias (2023) apontaram que iniciativas escolares ao ar livre se tornam mais significativas quando as famílias são envolvidas, especialmente porque ajudam a criar continuidade entre o que acontece na escola e o que ocorre no cotidiano. Assim, os dados sugeriram que existe abertura para a participação, embora necessidades de tempo e organização precisem ser consideradas.

Gráfico 9 - Disposição dos responsáveis para participar de atividades ao ar livre com seu filho na escola



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

Além das respostas dos responsáveis, também foram analisadas as informações fornecidas pela professora da turma, a fim de ampliar a compreensão sobre como as experiências na natureza são percebidas no contexto escolar.

4.2 Resultados e discussão – Questionário com a professora

As respostas fornecidas pela professora ofereceram uma visão profissional sobre o papel da natureza na educação infantil e sobre como essas vivências podem contribuir para o desenvolvimento das crianças. A seguir, apresentam-se os resultados obtidos a partir do questionário respondido pela docente.

Na questão 1, que perguntou “o que você compreende por natureza na educação infantil?”, a resposta indicou que a natureza foi vista como um espaço com elementos naturais que possibilitam experiências sensoriais e exploratórias. Esse entendimento mostrou que o ambiente natural foi reconhecido como um cenário vivo de descobertas, em sintonia com Tiriba (2005), ao defender a presença cotidiana de sol, água e terra, e com Vellozo, Alves e Sommerhalder (2022), que destacam o potencial desses espaços para exploração, sentir e ressignificar experiências.

Na questão 2, ao investigar “com que frequência você realiza atividades pedagógicas ao ar livre?”, foi registrado que essas práticas aconteciam algumas vezes por semana. Assim, o contato com a natureza esteve presente de forma regular,

embora não diária, sugerindo um processo gradual de abertura da escola para vivências externas, conforme discute Barros (2018), ao enfatizar a importância de ampliar o tempo ao ar livre para promover bem-estar e autonomia infantil.

Na questão 3, que perguntou “quais estratégias pedagógicas que envolvem espaços ao ar livre você já utilizou?”, foram mencionadas brincadeiras livres em espaços abertos e observação da fauna e da flora. As respostas demonstram que a natureza foi utilizada tanto para o brincar espontâneo quanto para explorações orientadas, dialogando com Colla (2019), que valoriza o brincar livre como forma de desenvolver as potências infantis, e com Martins e Neves (2020), que destacam o papel do brincar ao ar livre na criatividade e socialização.

Na questão 4, ao tratar de “como as crianças reagem às atividades realizadas em espaços ao ar livre?”, foi apontado que elas demonstraram mais interesse e engajamento. Essa percepção sugeriu que o ambiente externo tornou as atividades mais motivadoras, aproximando-se das análises de Barros (2018), que aponta sentimentos de encantamento e autoestima nessas vivências, e dos achados de Raymundo, Kuhnen e Soares (2010), que mostram como espaços abertos bem estruturados ampliam o movimento e favorecem o desenvolvimento infantil.

Na questão 5, relacionada aos “principais desafios para integrar a natureza às práticas pedagógicas”, a falta de espaços adequados na escola foi indicada como o maior entrave. Esse resultado evidenciou um limite estrutural, coerente com as discussões de Tiriba e Profice (2019) sobre barreiras institucionais ao uso de áreas naturais e com os alertas de Vellozo, Alves e Sommerhalder (2022), que afirmam que a ausência de ambientes amplos e estimulantes compromete as oportunidades de exploração infantil.

Na questão 6, ao perguntar “como a escola apoia ou poderia apoiar o uso dos espaços ao ar livre?”, foram sugeridas a ampliação de espaços adequados e o incentivo a projetos envolvendo contato com a natureza. Essas indicações apontaram caminhos concretos, alinhados ao que defendem Portela, Lauer-Leite e Novais (2024) sobre a relação entre conexão com a natureza e atitudes pró-ambientais, além de dialogarem com as orientações da BNCC (Brasil, 2018), que garantem o direito das crianças de explorar elementos naturais nos campos de experiência.

Nas questões 7 e 8, que abordaram a percepção de mudanças no comportamento após atividades externas e quais mudanças foram observadas, foram indicadas melhora na interação social, além de maior criatividade e curiosidade. Esses

efeitos reforçaram as evidências apresentadas por Oliveira e Velasques (2020), que associam o contato com a natureza à atenção, criatividade e equilíbrio emocional, e por Profice *et al*. (2013), que evidenciam que as experiências diretas em ambientes naturais ampliam a percepção e o cuidado com o meio ambiente.

Na questão 9, ao perguntar “você já participou de formações continuadas sobre o uso da natureza como recurso pedagógico?”, a resposta indicou que isso ainda não ocorreu, embora exista interesse. Essa lacuna aproximou-se das reflexões de Cruz, Menezes e Coelho (2021), que defendem a importância da formação continuada para que docentes ampliem seu repertório e utilizem a natureza de forma intencional e segura.

Por fim, na questão 10, que perguntou “que sugestões você daria para que a escola amplie e potencialize o uso dos espaços ao ar livre na rotina pedagógica?”, não foi registrada resposta. Contudo, as informações das questões anteriores já apontaram necessidades claras: criação e qualificação de espaços externos, desenvolvimento de projetos contínuos e investimento em formação docente, em consonância com discussões de Barros (2018), Tiriba (2005), Raymundo, Kuhnen e Soares (2010) e Louv (2008), que ressaltam a urgência de reconectar a infância ao ambiente natural.

4.3 Oficina: Estratégias Pedagógicas em Espaços ao Ar Livre na Educação Infantil

A oficina foi realizada no dia 17/11/2025, às 9h, na escola participante da pesquisa, durante o horário de planejamento das professoras. Participaram sete docentes, incluindo a professora participante da pesquisa, o que permitiu ampliar o diálogo entre teoria e prática. O encontro teve como finalidade promover uma reflexão sobre o uso da natureza como recurso pedagógico e fortalecer o entendimento sobre a importância das experiências ao ar livre na educação infantil.

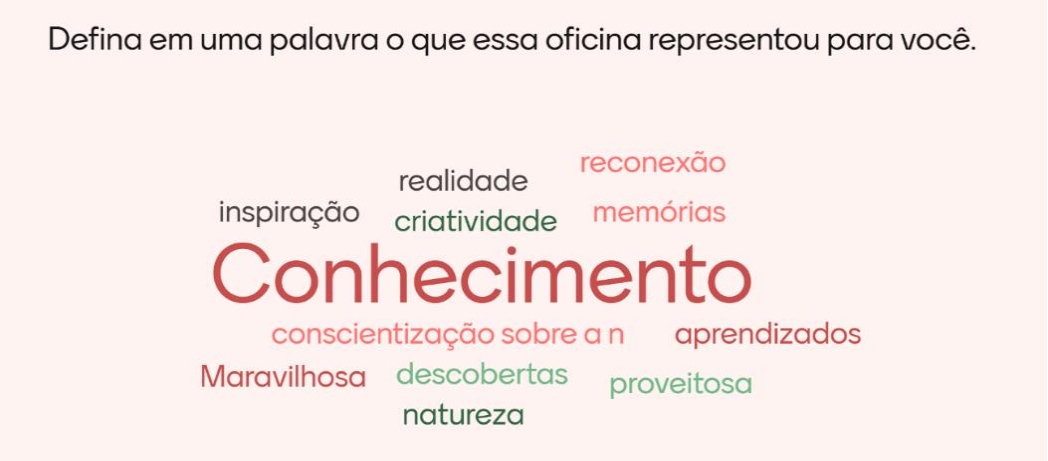
A atividade iniciou-se com a dinâmica “Memórias ao ar livre”, em que as participantes foram convidadas a recordar momentos significativos vividos na natureza durante a infância. Essa etapa favoreceu a aproximação afetiva com o tema e evidenciou que elementos naturais, como quintais, árvores e brincadeiras ao ar livre, fazem parte das lembranças e marcam o desenvolvimento humano. Em seguida, foi

feita uma breve introdução sobre a relevância pedagógica do contato com ambientes naturais e sobre sua relação com as práticas educativas atuais.

Na continuidade, foram apresentados os benefícios do contato com ambientes naturais, considerando dimensões emocionais, cognitivas, sociais e motoras, conforme discutido na literatura utilizada ao longo do estudo. Depois, algumas estratégias pedagógicas foram socializadas, como propostas de observação da fauna e flora, circuitos motores com elementos naturais, exploração sensorial e atividades de investigação. As professoras puderam analisar como essas práticas podem ser integradas à rotina da escola, considerando os limites e possibilidades do espaço disponível.

Na etapa final, foram apresentadas as considerações finais sobre a importância de ampliar vivências ao ar livre e a necessidade de fortalecer uma cultura escolar que valorize a natureza como ambiente de aprendizagem. Em seguida, a nuvem de palavras (Figura 1), construída pelas participantes a partir das suas percepções, evidenciou sentimentos, ideias e associações surgidas durante a oficina. A exibição da nuvem permitiu visualizar coletivamente os sentidos atribuídos ao tema e reforçou o papel da natureza como fonte de experiências significativas na educação infantil. O encontro foi encerrado com agradecimentos e com o reconhecimento da participação ativa das professoras no processo formativo.

Figura 1: Nuvem de palavras realizada ao final da oficina pelas participantes



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2025)

A nuvem de palavras possibilitou a síntese visual das percepções construídas pelas professoras ao longo da oficina. Esses registros reforçaram as reflexões desenvolvidas ao longo do estudo, conduzindo às considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados da pesquisa, verificou-se que a questão central que motivou o estudo, relacionada à compreensão de como os espaços ao ar livre têm sido utilizados e quais impactos sua pouca exploração produz no desenvolvimento infantil, foi respondida de forma consistente. As evidências mostraram que, embora o contato com a natureza seja reconhecido como benéfico por famílias e pela professora, ele ainda ocorre de maneira reduzida no cotidiano escolar, o que confirma a existência de limitações que influenciam diretamente as experiências das crianças. Esse cenário permitiu compreender as implicações do uso restrito desses ambientes e a necessidade de ampliar oportunidades para que as crianças vivenciem ambientes naturais de forma mais frequente e significativa.

Os resultados alcançados permitiram atender à finalidade central da pesquisa, ao demonstrar que as experiências ao ar livre exercem influência positiva no desenvolvimento integral das crianças e contribuem para fortalecer vínculos entre escola, família e ambiente natural. As percepções coletadas evidenciaram que a natureza favorece aspectos emocionais, cognitivos, sociais e motores, reforçando o entendimento de que sua presença na educação infantil é indispensável. Assim, as análises conduzidas confirmaram a relevância de integrar os espaços naturais às práticas pedagógicas como forma de promover aprendizagens mais vivas, exploratórias e conectadas ao contexto real das crianças.

As etapas da investigação possibilitaram contemplar os objetivos complementares do estudo, ao mapear como os espaços ao ar livre têm sido utilizados, identificar percepções de famílias e da professora, compreender o tempo de exposição das crianças à natureza e propor ações formativas alinhadas às necessidades observadas. As respostas obtidas revelaram tanto avanços quanto limitações nas práticas existentes, possibilitando reconhecer fatores que favorecem ou dificultam essas vivências. A oficina realizada contribuiu para ampliar o repertório pedagógico das docentes e confirmou que ações colaborativas podem fortalecer o uso educativo dos ambientes naturais, mostrando que os caminhos identificados são viáveis e promissores para qualificar o trabalho pedagógico.

A análise dos dados permitiu compreender de forma ampla como a natureza tem sido percebida, vivenciada e integrada ao cotidiano das crianças, tanto pelas famílias quanto pela professora participante. Observou-se que o contato com

ambientes naturais foi valorizado pela maioria dos responsáveis, que identificaram benefícios emocionais, sociais e cognitivos nas crianças, além de demonstrarem disposição para participar de atividades ao ar livre promovidas pela escola. Esses achados dialogam diretamente com o objetivo de investigar como as experiências na natureza podem contribuir para o desenvolvimento infantil e para a aproximação entre escola, família e ambiente natural.

As respostas da professora mostraram que já existem práticas voltadas às vivências ao ar livre na rotina pedagógica, ainda que de forma limitada pelas condições estruturais da escola. Foram identificados movimentos importantes no sentido de proporcionar vivências ao ar livre, porém acompanhados de desafios que influenciam a frequência e a diversidade dessas experiências. Esse cenário confirma a relevância do objetivo de analisar as potencialidades e os obstáculos para o uso pedagógico da natureza, mostrando que, embora haja entendimento sobre sua importância, ainda existem barreiras que precisam ser enfrentadas, especialmente relacionadas ao espaço físico e à formação docente.

A realização da oficina com as professoras da escola participante, desenvolvida durante o período de planejamento, contribuiu para ampliar essas reflexões. Ao propor dinâmicas, apresentar benefícios das atividades na natureza e compartilhar estratégias pedagógicas possíveis para o contexto da instituição, a oficina permitiu que as docentes discutissem suas próprias práticas e identificassem caminhos para fortalecer o uso dos espaços ao ar livre. As trocas realizadas e a construção da nuvem de palavras evidenciaram percepções positivas e reforçaram o interesse da equipe em aprofundar esse tema e buscar novas formas de integrar a natureza ao cotidiano escolar.

Dessa forma, os resultados evidenciam que tanto as famílias quanto a professora reconhecem o valor das experiências na natureza e percebem seus efeitos positivos no desenvolvimento infantil. Ao mesmo tempo, evidencia que a ampliação dessas vivências depende de ações institucionais que envolvam criação e qualificação de espaços externos, incentivo a projetos contínuos e oportunidades de formação para os docentes. Dessa forma, os resultados obtidos reforçam a necessidade de fortalecer o uso pedagógico da natureza na educação infantil, aproximando as práticas escolares dos objetivos propostos e contribuindo para uma educação mais sensível, exploratória e conectada ao ambiente natural.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições, 2011.

BARROS, Maria Isabel Amando de. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018. Disponível em: https://jbb.ibict.br/bitstream/1/1328/1/Desemparedamento_infancia.pdf. Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 20 abr. 2025.

COLLA, Rodrigo Ávila. O brincar e o cuidado nos espaços da educação infantil: desenvolvendo os animais que somos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 100, n. 254, p. 111-126, jan./abr. 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3956. Acesso em: 19 abr. 2025.

CRUZ, Lilian Moreira; MENEZES, Cláudia Celeste Lima Costa; COELHO, Lívia Andrade. Formação continuada de professores/as da educação infantil num contexto pandêmico: reflexões freirianas. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 47, p. 158-179, ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i47.9426. Acesso em: 5 mar. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: salvando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza**. Tradução de Instituto Alana. São Paulo: Editora Aquariana, 2016.

LOUV, Richard; CHARLES, Cheryl; BODNER, Lee; GUNS, Bill. **Crianças e natureza 2008: um relatório sobre o movimento para reconectar as crianças ao mundo natural**. Santa Fé, NM: Rede Crianças e Natureza, 2008. Disponível em: https://www.childrenandnature.org/wp-content/uploads/CNMovement.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

MARTINS, Carla; NEVES, Ivone. Aprender a brincar ao ar livre num jardim de infância em Portugal: um estudo de caso. **Revista Liberato**, [S.l.], v. 21, n. 36, p. 121-130, 18 dez. 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.31514/rliberato.2020v21n36.p121. Acesso em: 19 abr. 2025.

OLIVEIRA, Mônica Maria Souza de; VELASQUES, Bruna Brandão. Transtorno do Déficit de Natureza na infância – Uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem. **Latin American Journal of Science Education**, v. 7, n. 2, p. 22020, 2020. Disponível em: https://www.lajse.org/nov20/2020_22020_2.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.

PEREIRA, Rosa Martins Costa. **O viver e o fazer da geografia: história de vida acadêmica com professores**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008. Disponível em: https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/825. Acesso em: 08 jun. 2025.

PORTELA, Lindon Johnson Pontes; LAUER-LEITE, Iani Dias; NOVAIS, Jailson Santos de. Conexão com a natureza e comportamento pró-ambiental infantil: revisão de pesquisas na América Latina. **Psicología Desde el Caribe**, [S.l.], v. 40, n. 3, p. 99-121, 26 ago. 2024. Universidad del Norte. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14482/psdc.40.3.720.589. Acesso em: 19 abr. 2025.

PROFICE, Christiana Cabicieri; PINHEIRO, José de Queiroz; FANDI, Ana Cláudia; GOMES, Ana Roberta. Janelas para a percepção infantil de ambientes naturais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 529-539, jul./set. 2013. DOI: 10.1590/S1413-73722013000300008. Disponível em: SciELO Brasil - Janelas para a percepção infantil de ambientes naturais Janelas para a percepção infantil de ambientes naturais. Acesso em: 14 maio 2025.

RAYMUNDO, Luana dos Santos; KUHNEN, Ariane; SOARES, Lia Brioschi. O espaço aberto da educação infantil: lugar para brincar e desenvolver-se. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 251-270, ago. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 abr. 2025.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Ícaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 308-339, maio/ago. 2018. DOI: 10.13058/raep.2018.v19n2.970. Disponível em: 533557910005.pdf. Acesso em: 05 abr. 2025.

TIRIBA, Lea. **Crianças, natureza e educação infantil**. [S.l.]: [s.n.], 2005. 19 p. Disponível em: https://legado.anped.org.br/sites/default/files/gt07-2304.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 1-22, 2019. FapUNIFESP (SciELO). DOI: 10.1590/2175-623688370. Disponível em: SciELO Brasil - Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. Acesso em: 03 abr. 2025.

VELLOZO, Letícia Munhoz; ALVES, Fernando Donizete; SOMMERHALDER, Aline. Ambientes naturais e educação infantil: explorar, sentir e ressignificar. **Revista Educação e Infâncias**, Natal, v. 1, n. 2, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/educacaoinfancia/article/view/29607/16311. Acesso em: 19 abr. 2025.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário para a professora da turma

1. O que você compreende por natureza na educação infantil?

( ) Um ambiente externo qualquer

( ) Um espaço com elementos naturais que possibilitam experiências sensoriais e exploratórias

( ) Um local específico para atividades planejadas com fins pedagógicos

( ) Outro: _____

2. Com que frequência você realiza atividades pedagógicas ao ar livre?

( ) Diariamente

( ) Algumas vezes por semana

( ) Algumas vezes por mês

( ) Raramente

( ) Nunca

3. Quais estratégias pedagógicas que envolvem espaços ao ar livre você já utilizou? (Marque todas as opções aplicáveis)

( ) Contação de histórias na natureza

( ) Brincadeiras livres em espaços abertos

( ) Observação da fauna e flora

( ) Atividades sensoriais com elementos naturais (água, areia, folhas, etc.)

( ) Jardinagem e cultivo de plantas

( ) Outras: _____

4. Como as crianças reagem às atividades realizadas em espaços ao ar livre?

( ) Demonstram mais interesse e engajamento

( ) Tornam-se mais concentradas e participativas

( ) Demonstram maior interação social e colaboração

( ) Não percebo diferenças em relação às atividades em sala de aula

( ) Outras: _____

5. Quais são os principais desafios para integrar a natureza às práticas pedagógicas? (Marque todas as opções aplicáveis)

( ) Falta de espaços adequados na escola

( ) Falta de apoio da gestão escolar

( ) Falta de tempo na rotina pedagógica

( ) Falta de formação sobre o uso da natureza na educação infantil

( ) Medo de acidentes e segurança das crianças

( ) Outras: _____

6. Como a escola apoia ou poderia apoiar o uso dos espaços ao ar livre? (Marque todas as opções aplicáveis)

( ) Disponibilizando mais espaços adequados

( ) Fornecendo materiais e recursos para atividades ao ar livre

( ) Oferecendo formação continuada para os professores

( ) Incentivando projetos que envolvem contato com a natureza

( ) Não há apoio específico da escola para esse tipo de iniciativa

7. Você percebe mudanças no comportamento das crianças após atividades ao ar livre?

( ) Sim

( ) Não

8. Se respondeu "Sim" na pergunta anterior, quais mudanças você observa? (Marque todas as opções aplicáveis)

( ) Aumento da concentração nas atividades seguintes

( ) Redução da ansiedade e do estresse

( ) Melhora na interação social entre as crianças

( ) Maior criatividade e curiosidade

( ) Outras: _____

9. Você já participou de formações continuadas sobre o uso da natureza como recurso pedagógico?

( ) Sim, e foi muito útil para minha prática

( ) Sim, mas não teve impacto significativo na minha prática

( ) Não, mas tenho interesse em participar

( ) Não, e não vejo necessidade

10. Que sugestões você daria para que a escola amplie e potencialize o uso dos espaços ao ar livre na rotina pedagógica?

APÊNDICE

APÊNDICE B – Questionário para os pais

1. O que você entende por natureza?

( ) Um espaço qualquer ao ar livre

( ) Um ambiente com elementos naturais, como plantas, água e animais

( ) Um local específico para recreação e aprendizado das crianças

( ) Outro: _____

2. Com que frequência seu(sua) filho(a) tem oportunidades de brincar ou interagir com a natureza fora da escola?

( ) Diariamente

( ) Algumas vezes por semana

( ) Somente aos finais de semana

( ) Raramente

( ) Nunca

3. Quais atividades ao ar livre seu(sua) filho(a) costuma realizar? (Marque todas as opções aplicáveis)

( ) Brincar em parques ou praças

( ) Explorar jardins ou hortas

( ) Caminhar em trilhas ou áreas naturais

( ) Brincar com terra, areia ou água

( ) Contato com animais (exemplo: fazendas, zoológicos, etc.)

( ) Outras: _____

4. Você percebe mudanças no comportamento ou bem-estar do seu(sua) filho(a) após momentos de contato com a natureza?

( ) Sim

( ) Não

5. Se respondeu "Sim" na pergunta anterior, quais mudanças você observa? (Marque todas as opções aplicáveis)

( ) Fica mais calmo e relaxado

( ) Demonstra mais criatividade nas brincadeiras

( ) Apresenta melhora na concentração e no aprendizado

( ) Socializa melhor com outras crianças

( ) Demonstra mais disposição física

( ) Outras: _____

6. Você tem dificuldades para proporcionar mais experiências ao ar livre para seu(sua) filho(a)?

( ) Sim

( ) Não

7. Se respondeu "Sim" na pergunta anterior, quais são os principais motivos? (Marque todas as opções aplicáveis)

( ) Falta de tempo devido ao trabalho e outras responsabilidades

( ) Falta de espaços ao ar livre adequados próximos à residência

( ) Preocupação com a segurança nos espaços públicos

( ) Preferência da criança por atividades dentro de casa (TV, eletrônicos, etc.)

( ) Falta de companhia para a criança brincar ao ar livre

( ) Condições climáticas desfavoráveis (chuva, calor excessivo, frio, etc.)

( ) Desconhecimento sobre atividades ao ar livre interessantes

( ) Outros: _____

8. Como você vê a importância da escola em incentivar atividades em ambientes naturais?

( ) Muito importante, deveria ser uma prática frequente

( ) Importante, mas não vejo muitas ações nesse sentido

( ) Pouco importante, há outras prioridades na educação infantil

( ) Não vejo importância

9. Você estaria disposto(a) a participar de atividades escolares ao ar livre com seu(sua) filho(a)?

( ) Sim, sempre que possível

( ) Sim, mas depende da disponibilidade de tempo

( ) Não tenho interesse